

FUNAI - MUSEU DO ÍNDIO / UNESCO
PRODOCLIN

Proj. Documentação de Línguas Indígenas

Edital: 914BRA4010

DOCKANOÊ - ETNOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO DA LÍNGUA KANOÊ



INDUMENTÁRIA, ARTE PLUMÁRIA
E
ADEREÇOS KANOÊ

por

Laércio Nora Bacelar

José Augusto Canoê

Gilmar Ferreira da Silva

Rio de Janeiro/ Goiânia

Outubro de 2011



**Laércio Nora Bacelar**

Graduado em Letras pela UFMG (1980-1983); Especialista em Literatura Brasileira pela PUC-MG (1986-1988); Mestre em Linguística pela UnB (1988-1992); Doutor em Artes (Linguística) pela Katholieke Universiteit Nijmegen, NL (1999-2004)

José Augusto Canoê

Representante das Comunidades Kanoê da T. I. Rio Guaporé (Aldeia Ricardo Franco), T. I. Sagarana e T. I. Rio Branco - RO

Gilmar Ferreira da Silva

Auxiliar de Pesquisa (cinematografia e fotografia em 2010)

INDUMENTÁRIA, ARTE PLUMÁRIA E ADEREÇOS KANOÊ

Informantes e respectivos anos de elicitação:

MK1 (Munuzinho Canoê: 1990, 1997); **TK2** (Teresa Kanoê: jun1990, jan1997, 2002, 2003); **PK3** (Purá Kanoê: ago2000, ago2008, mar2010); **TxK4** (Txinamãty Kanoê: ago2000); **TtK5** (Tutuá Kanoê: ago2000); **FK6** (Francisco Canoê: ago2008, mar2010); **JK7** (Júlio Canoê: mar2010, mar2010); **JaK9** (José Augusto Canoê mar a out/2010).

Locais:

Guajará-Mirim – RO

FUNAI / FPEA Guaporé – T. I. Rio Omeré - Aldeia Kanoê - T. I. Rio Guaporé - Aldeia Ricardo Franco

Agradecimentos especiais:

À fotógrafa **Gleice Mere** e ao biólogo **Gabriel Morand** que gentilmente disponibilizaram as fotos obtidas por eles em agosto de 2008 para ilustrar os trabalhos do Projeto DocKAN para o PRODOCLIN.

Rio de Janeiro/ Goiânia**Outubro de 2011**

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO	03
1.1 - Indumentária e adereços Kanoé: duas pontas da história social dos Kanoé	03
1.2 - <i>Pätäj</i>, a palmeira buriti	09
1.2.1 - <i>Pätäjty</i>, a fibra de buriti	11
II – INDUMENTÁRIA KANOÉ	14
2.1 - O “chapéu kanoé”: uma identidade visual	14
2.1.1 - <i>Ajatietä</i>, o chapéu “aba-e-gorro”	15
2.1.2 - <i>Ajatietä</i>, o chapéu inteiriço	16
2.2 - A grinalda Kanoé	17
2.3 - Adornos braçais Kanoé	18
2.4 - Tanga ou avental de fibra de buriti	19
2.5 - Bandoleiras de buriti trançado	20
2.6 - Caneleiras e tornozeleiras	20
III - ARTE PLUMÁRIA	21
IV - ADEREÇOS KANOÉ	22
4.1 - <i>Näpejae</i>, os brincos	23
4.2 - <i>Perytwaé</i> ou <i>tiratwaé</i>, os colares	24
4.3 - <i>Ajakotsoé</i>, as pulseiras	25
4.4 - Outros adereços	26
V - ITENS LEXICAIS RELATIVOS A INDUMENTÁRIA, ADEREÇOS E AFINS	27
BIBLIOGRAFIA	29

INDUMENTÁRIA, ARTE PLUMÁRIA E ADEREÇOS KANOÉ

I – INTRODUÇÃO

1.1 - Indumentária e adereços Kanoé: duas pontas da história social dos Kanoé

Resgatar a indumentária, a arte plumária e os adereços tradicionais do povo *Kanoé* (também nomeado *Kapixanã*) não tem sido uma tarefa fácil, pois muito se perdeu no processo de aculturação a que os grupos dessa etnia foram submetidos. Os informantes mais idosos pouco se lembram de como eram esses elementos de sua cultura material e universo simbólico, mesmo porque sua geração já foi criada fora de suas terras e suas aldeias originais. Assim, como crianças de famílias expulsas de suas aldeias, alguns cresceram e se educaram fora de sua etnia, de tal forma que nem mesmo sua língua nativa conseguiram aprender. Esses, criados entre outros grupos étnicos, assimilaram a cultura que lhes adotou, ainda que não perdessem a consciência da autoidentificação como Kanoé.

Assim, com o deslocamento em massa, a mortandade por doenças e assassinatos e o violento processo de submissão e aculturação a que foram submetidos, a partir da década de 1940, vários elementos da cultura material foram se perdendo, à medida que novos itens culturais, crenças, valores morais e modos de se vestir foram sendo assimilados e incorporado ao “modus vivendi” dos remanescentes Kanoé. Os informantes idosos, Munuzinho Kanoé e Teresa Kanoé (já falecidos); ao longo da pesquisa já não sabiam descrever com precisão como eram exatamente os elementos de sua indumentária, arte plumária e adereços; mas ressaltaram um perfeccionismo e certa discrição na aparência dos mesmos em relação aos demais povos indígenas vizinhos. Os falantes idosos ainda vivos, *Francisco Kanoé* (FK6) e *Júlio Kanoé* alegam que também pouco se lembram, porque, com o deslocamento de seus pais, a redução drástica do grupo e a dispersão dos Kanoé, já foram criados fora da aldeia. Assim, o pouco que sabem se reduz a lembranças esparsas do que ouviram seus pais contarem.

De qualquer modo, pelos relatos, tanto MK1 quanto TK2, afirmaram que, antes do contato com a civilização nacional dominante, os Kanoé viviam diariamente seminus, ou seja, usavam apenas uma pequena tanga tapa-sexo de fibras de buriti e alguns adereços complementares, tais como colares, pulseiras, tornozeleiras. No entanto, em ocasiões especiais,

se vestiam com seus trajes de festa mais elaborados, sobretudo com alguns adornos plumários e a faziam pintura corporal com alguns motivos simbólicos.

Reunindo essas informações esparsas, tudo indica que, em relação a outras etnias, os *Kanoé* sempre foram discretos no que diz respeito à sua arte plumária e seus adereços, o que condiz com seu temperamento pacífico e tímido. Isso quer dizer que, tudo indica que o povo *Kanoé* tradicionalmente apresentava os mesmos traços comportamentais que ainda podem ser observados nos Kanoé “isolados do Omeré”, mesmo 15 anos depois do primeiro contato em setembro de 1995. Se comparados aos *Akuntsun*, por exemplo, os *Kanoé* são muito mais discretos e tímidos, falam pouco e baixo, mas observam muito. O traço perfeccionista continua existindo na manutenção da aldeia, da confecção de seus adereços, arcos e flechas e outros artefatos.

Há, entretanto, dois elementos que permitem atar o presente ao passado: os brincos no formato triangular ou semi-trapezoidal e o que poderíamos chamar de “chapéu típico Kanoé”. Esse elemento, que a rigor não era uma chapéu, mas um conjunto de gorro e uma aba de trançado sobreposta, visto mesmo de perto, dava a impressão de um chapéu inteiriço. Pelas informações prestadas por MK1 e TK2, parece que esse elemento foi desenvolvido pelos *Kanoé* a partir dos primeiros contatos em os “civilizados”, no final da década de 1920 e início da década de 1930. De fato, nas duas únicas fotos disponíveis na web, cujos índios retratados são identificados com *Kanoé* ou *Kapishana*, não se nota o uso do “aba-e-gorro”, o suposto chapéu, mas nessas fotos podem ser observados os brincos, exatamente no mesmo formato encontrável hoje entre os “*Kanoé isolados do Omeré*”.



Foto1: Índios *Kapixaná* (*Kanoé*), Tiaré (arco e flecha nas mãos) e Gualuré, rio Pimenta Bueno, sem data. Foto: Aníbal A. Freire (legenda localizada no verso da fotografia)



Foto 2: Índios *Kapixaná* (*Kanoé*), Rio Pimenta Bueno, afluente do Rio Machado, Mato Grosso (sic!), sem data. Fotografia de Aníbal A. Freire

(fonte: www.renatoathias.blogspot.com/2007_06_17.archive.html)

Em setembro de 1995, quando a FUNAI contactou os "*isolados do Omeré*" (*Tutuá*, *Waymoró*, *Txinamãty* e *Operá* (hoje *Purá*), esses usavam colares exatamente no mesmo formato, porém com as peças pingentes recortadas em plástico colorido (vermelho-laranja e branco), provavelmente restos de acampamentos de madeireiros, garimpeiros ou palmiteiros que os *Kanoé* recolhiam na floresta.



Fotos 3, 4 e 5: Como se observa nas históricas imagens feitas por Marcos Mendes, no primeiro contato pessoal com os *Kanoé do Omeré*, em setembro de 1995, *Purá* e sua irmã *Tinamãty*, se aproximaram de Marcelos Santos sua equipe usando a indumentária típica (o "chapéu"), os vistosos colares de plástico e os adereços de buriti, porém já usando bermudas de tecido.
(Marcos Mendes, da Agência Estado – Omeré - 1995)

Nas fotos abaixo, obtidas pelo etnolinguista holandês Dr. Hein van der Voort, quando visitou os *Kanoé do Omeré* em maio de 1996, oito meses após o contato, observa-se que *Waymoró* e *Tutuá* usam colares e brincos cujas peças pingentes apresentavam "design" idêntico ao da ilustração de Becker-Donner. É verdade que os *Akuntsun*, de outra etnia e outra língua, também usavam os mesmos brincos e colares, mas, segundo as informações, seriam "presentes" dados pelos *Kanoé*, nas tentativas de aproximação entre os grupos. Ainda hoje, 16 anos após o contato, os dois grupos "Isolados do Omeré" ainda usam os mesmos brincos e colares de plástico.



Foto 6: *Waymoró* abrindo uma bolsa de bráctea de coqueiro com uma galinha
(Hein van der Voort – Omeré – maio/1996)

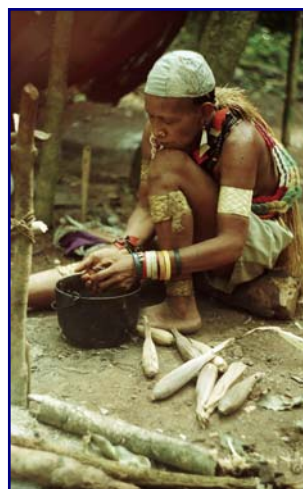


Foto 7: *Tutuá* debulhando milho
(Hein van der Voort – Omeré – maio/1996)

Na Foto 6, acima, observa-se que *Waymoró* usa o conjunto “aba-e-gorro”, dando a impressão de ser chapéu inteiriço com uma pena de arara-azul. Na Foto 7, *Tutuá* usa apenas o gorro. As duas índias Kanoé aparecem vestidas com peças de roupa doadas pela FUNAI após o contato, mas também usando peças típicas da indumentária tradicional dos Kanoé: braçadeiras apertadas no bíceps, caneleiras e tornozeleiras, todas trançadas de palha de buriti. Ambas usam os colares e brincos de plástico e, na diagonal, conjuntos de colares maiores, com sequências de peças circulares semi-sobrepostas. Na Foto 7, pode-se notar, ainda, que *Tutuá* apresenta também a grinalda de fibras de buriti e pulseiras coloridas de material plástico.

Logo, antes do primeiro contato com a Frente de Contato, os *Kanoé do Omeré* já usavam vários colares multicoloridos feitos com material plástico. Também produziam o “aba-e-gorro” (chapéu típico), de mesmo formato do chapéu do homem branco, porém confeccionado com talas vegetais de palmeira entrelaçadas e, na aba, fitas de lona plástica preta. Além disso, usavam algumas peças de roupas em tecido industrial (proveniente de sacos de juta), as quais eles mesmos confeccionaram.

Esses materiais provavelmente eram recolhidos pelos *Kanoé* nas incursões pela floresta, deixados ou furtados nos acampamentos de madeireiros, seringueiros e palmiteiros no interior das florestas ou nos pastos. Após a visita de *Munuzinho Canoê*, em 1996, que atuou com tradutor, os *Kanoé* pediram peças de roupas e calçados, no que foram atendidos. A partir daí, somente a idosa *Tutuá* andava com o busto nu, mas parcialmente encoberto por tipóias e boa quantidade de colares sobrepostos, uns de material plástico, outros de conchas e sementes.



Fotos 8 e 9: *Txinamãty Kanoé*, vestida “a rigor” com o filho *Operá* (falecido), em visita noturna à sede local do FUNAI no Omeré.
(L. N. Bacelar – Omeré – ago/2000)

Apesar das roupas, das quais já não abrem mão, até recentemente *Purá* e *Txinamãty* continuavam usando a indumentária tradicional sobreposta: uma longa grinalda de fibras de buriti soltas; muitos colares, pulseiras e braceletes diversos, alguns dos quais similares aos colares; caneleiras e tornozeleiras de palha trançada ou de tecido. Esses adereços eram e ainda usados pelos jovens sobre a camiseta. Além disso, eventualmente os *Kanoé do Omeré* ainda

usam duas longas penas vermelhas de arara ou penas de gavião, que são encaixadas num pequeno botoque feito em osso de mutum, colocado num furo entre as narinas. Hoje em dia, em sua aldeia, nem sempre estão usando todos esses adereços e já não se importam em se apresentarem sem um gorro ou chapéu, mas parecem não abrir mão de seus colares, braceletes e da grinalda de fibra de buriti. Aliás, atualmente apenas **Purá Kanoé** se veste, com todos os elementos que compunham sua indumentária tradicional, geralmente a pedido, em ocasiões especiais, quando canta e dança.

O conjunto de fotos e ilustrações das páginas anteriores permite reatar as duas pontas de uma única história, ou seja, conectar a história dos Kanoé aculturados do Vale do Guaporé a seus parentes “isolados do Omeré”. No primeiro caso, todos são ascendentes de quatro clãs formados pelos que sobreviveram ao deslocamento: os que habitam a Aldeia Ricardo Franco e T. I. Rio Branco, são filhos, netos e bisnetos de **Francisco Canoé**; os que vivem na T. I. Sagarana, filhos, netos e bisnetos de **Júlio Canoé**, dos dois últimos potenciais falantes da língua ainda vivos. Por outro lado, os que habitam a Aldeia Deolinda, às margens do rio Guaporé, são os filhos e netos de **Luís Canoé (Munuzinho)** já falecido, e alguns que habitam Barranquilha e na cidade de Guajará-Mirim, filhos e netos de **Teresa Canoé (Teresa Piraguê)**, também já falecida.



Ilustração 4: Indumentária tradicional Kanoé, reconstituição cf. informações de MK1, TK2, FK6 (L. N. Bacelar – Omeré – ago/2008)



Foto 10: Purá Kanoé vestido “a rigor” (Gleice Mere – Omeré – ago/2008)

O conjunto de fotos também deixa entrever a histórica importância da palha e das fibras de buriti e de tucum como matérias-primas fundamentais para a produção de diversos elementos da cultura material dos **Kanoé**, que poderiam ser chamada de “civilização do buriti”, posto que a maioria de seus artefatos e peças de indumentária eram e são feitas dessa palmeira.

1.2 - *Pütäj*, a palmeira buriti

Conhecida como coqueiro-buriti, buritizeiro, miriti, carandá-guaçu, carandaí-guaçu, o **buriti** (*Mauritia Flexuosa*; *M. vinifera*) é uma palmeira da família das arecáceas, que ocorre no ecossistema do cerrado e da floresta amazônica. Pode atingir até 35 m de altura e é facilmente reconhecível por sua copa arredondada, com folhas grandes de formato estelar. As flores amareladas se dão em cachos de até 5 m e brotam de dezembro a abril. Além da riqueza do seu fruto e das muitas utilidades das folhas, além de ser importante na dieta de muitos animais (abelhas, besouros, araras e papagaios, antas, capivaras, cutias etc.), a espécie tem importância capital na manutenção das nascentes ou olhos d'água naturais.

O **buriti** pode ser encontrado como palmeira solitária ou em conjuntos mais ou menos densos, conhecidos como “buritizais”. Como palmeira exige muita água no solo, germina e cresce em terrenos úmidos, à margem de igarapés, nascentes, pequenos lagos brejos, nas chamadas “veredas”. Embora resistente, a palmeira se adapta melhor, cresce e se reproduz com vigor em solos alagados ou alagadiços, razão pela qual uma touceira de buritis é um indício da existência de água ou cursos d'água nas proximidades.



Foto 1: Buritizal no Omeré
(Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)



Foto 2: Cachos de buriti
(G. Morand – T. I. Rio Omeré – ago/2008)

Como palmácea importantíssima nas culturas indígenas e populações interioranas das regiões onde ocorre, trata-se de uma espécie da qual quase tudo se aproveita:

a) As folhas, além de servirem para a cobertura de malocas e de fornecerem palha para a produção de objetos trançados (abanadores, cestos, chapéus, esteiras, etc.), são fornecedoras de fibras para fins diversos, tais como a confecção de cordas, maricos, mantas, redes de dormir e produção de adereços variados (colares, pulseiras, braceletes, tornozeleiras etc.). Além disso, do “olho” da palmeira também se extrai um palmito comestível. As folhas mais jovens fornecem uma fibra finíssima conhecida como “seda-de-buriti”;

b) os talos das folhas podem ser utilizados na fabricação de balaios, cestos, paneiros e móveis artesanais, leves, bonitos e resistentes;

c) A estipe é fornecedora de madeira útil na construção de malocas, canoas e para outros fins. Quando perfurada, fornece um sumo adocicado útil como adoçante natural e, quando fermentado, para a fabricação do chamado “vinho-de-buriti”. Do miolo do estipe se fabrica a “farinha-de-buriti” usada na preparação de paçocas;

d) Os frutos, também chamados “miriti”, que se produzem em cachos médios e grandes, são semelhantes a um coquinho oval de casca dura, de coloração vinho-avermelhada, com desenhos axadrezados em diagonal, como se fossem escamas. São comestíveis quando amaciados em água para extração da polpa amarelada. Essa polpa, com alto teor de ferro e cálcio, e das vitaminas A e C, pode ser utilizada para a produção de doces, bombons, picolés, sorvetes, cremes, geléias etc. Da polpa, prensada, se extrai um óleo comestível, rico em caroteno, de valor medicinal, efeito aliviador e cicatrizante, utilizado contra queimaduras, além de ser vermífugo e energético natural. Por outro lado, esse óleo também é útil para amaciar e envernizar couro. Na indústria de cosméticos, é empregado como ingrediente aromatizante na produção de produtos de beleza (cremes, sabonetes, xampus etc.)

e) Os caroços dos frutos, ou seja, as sementes são amêndoas ovóides comestíveis e também podem ser utilizados na fabricação de peças de artesanato diversas (brincos, colares, pulseiras, pingentes, chocalhos etc.)



Fotos 3, 4 e 5 : Frutos de buriti
(A.D. – Goiânia – out2/2011)

Diante de tantas utilidades, no caso específico dos *Kanoé*, o *pütäj* (‘palmeira de buriti’) é, sem dúvida, a principal fornecedora de matéria-prima para a produção de elementos da cultura material dessa etnia. Aliás, a própria identidade visual dos Kanoé, no passado e atualmente no Omeré, em termos de indumentária tradicional, é toda baseada e nomeada a partir das palhas e fibras de buriti. No entanto, até que o “olho” da palmeira seja processado e forneça a fibra com o qual os Kanoé produziam e produzem suas vestimentas e adereços, há um longo e trabalhoso beneficiamento, que será descrito e sobretudo ilustrado com fotos no tópico a seguir.

1.2.1 - *Pätäjty*, a fibra de buriti

O processo de extração e beneficiamento inicia-se na coleta das folhas e aí já se revela trabalhoso. Primeiro é preciso localizar um buritizal e subir na palmeira, não raro já meio alta, com um terçado ou foice, para extrair o “olho” da palmeira. Ou seja, subir na palmeira e alcançar o centro de folheação da planta para extrair a folha mais nova ainda não aberta, mas fechada como uma lança. Há que se ter o cuidado de saber escolher a palmeira fornecedora, para extrair um “olho” de boa qualidade e saber também extraí-lo para não danificar muito a planta.



Foto 6: *Purá Kanoé* tirando ‘olho’ de buriti
(Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)



Foto 7: *Purá Kanoé* tirando ‘olho’ de buriti
(Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)

Coletadas e transportadas as folhas, já na aldeia, o olho é “riscado”, ou seja, começa a ser desfiado para a extração do linho, que é a parte mais nobre da folha jovem. A palha residual deste processo pode ser reaproveitada para outros produtos artesanais. Desfiado pacientemente em tiras ainda meio largas e grossas, essas tiras de linho são enroladas em forma de *pätäj erejkuta* (‘bola-cabeça de buriti’), que serão fervidas por algum tempo.



Foto 8, 9 e 10: *Purá Kanoé* ensinando *José Augusto*, *Rui* e *Francisco*, os *Kanoé do Vale do Guaporé* a desfiar o buriti, numa oficina de resgate da cultura material da etnia, realizada na sede local da FUNAI, em agosto de 2008.
(L. N. Bacelar / Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)



Foto 11: *Purá Kanoé* demonstrando a *Rui Canoê* o desfibramento de buriti



Foto 12: *José Augusto* e *Rui Canoê* trabalham desfiando "olho-de-buriti"
(Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)



Foto 13: *José Augusto Canoê* fazendo uma *pätäj erejkuta* ('bola-de-buriti')

Assim, enquanto algumas *pätäj erejkuta* já estão fervendo, outras estão sendo preparadas. Logo, há que ser ter uma trempe preparada, uma vasilha para a fervura e água



Foto 14: *pätäj erejkuta* (bola de buriti)



Foto 15: *Purá Kanoé* fervendo *pätäj erejkuta* (bolas de buriti)
(Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)



Foto 16: As *pätäj erejkuta* (bolas de buriti) são cozidas por algum tempo

Depois de fervidas, as *pätäj erejkuta* são desenroladas e estendidas para esfriar, escorrer e secar. Enquanto isso, os *Kanoé* continuam o processo de desfiamento, agora em fibras cada vez mais finas, separando-as e alisando-as para retirar os fiapos indesejáveis:



Foto 14, 15 e 16 : *Purá Kanoé*, *Francisco* e *José Augusto Canoê* estendem as *pätäj erejkuta* e as redesfiam em fibras finas chamadas *pätäjty*
(L. N. Bacelar / Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)

Uma vez escorridos e redesfiados, os feixes de fibras são lavados várias vezes. Em seguida, voltam a ser bolas que são sovadas com um pedaço de madeira. Em seguida, são abertas, torcidas e relavadas, até que toda a nódoa seja retirada:



Foto 17, 18 e 19 : *Purá Kanoé* e *José Augusto Canoé* lavando *pütäjty* (fibras de buriti)
(Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)

Depois de lavadas, as fibras são estendidas bem abertas em varal para secar, quando são novamente redesfiadas e cuidadosamente penteadas para a extração de novos fiapos. À medida que secam, vão se tornando cada vez mais claras e finalmente ficam prontas para usos diversos.



Foto 20: *Francisco Canoé* redesfiando e penteando as fibras obtidas



Foto 21: *Purá Kanoé* trabalhando as *pütäjty* (fibras de buriti)
(Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)



Foto 22: *José Aug. Canoé*, *Purá Kanoé* e *Rui Canoé* fiando buriti

Com as fibras obtidas, os *Kanoé* produzem as três peças essenciais do conjunto de sua indumentária: a grinalda, os pingentes longos para os braceletes e a tanga (ou avental), que se harmonizam com o chapéu com penas vermelhas de rabo de arara. Além disso, com as fibras de buriti produzem linhas, barbantes, cordas, maricos e redes de dormir e redes de pesca:



Foto 23: Peças de indumentária de fibra de buriti, chapéu e flechas: a identidade visual e etnocultural do povo *Kanoé*
(Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)

II - INDUMENTÁRIA KANOÉ

2.1 - O “chapéu kanoé”: uma identidade visual

De certa forma, é muito comum imagens de índios brasileiros com cocares vistosos, alguns muito vistosos e exuberantes, com penas grandes, como os dos grupos macro-jê do Xingu, ou mesmo um pouco mais discretos e com penas menores, com os dos grupos tupi em geral. Entretanto, os adornos de cabeça, qualquer que seja a sua forma e cores, não se reduzem a meros objetos de embelezamento pessoal. Em cada etnia, esses elementos da cultura material não só confere à etnia uma identidade em relação aos outros povos, mas também têm um significado simbólico na organização social, podendo ou não ter relação direta e indireta com os papéis sociais masculino e feminino ou com o status e o prestígio de um indivíduo em sua própria comunidade. Por exemplo, entre os Boróro, que vivem próximos a Cuiabá –MT, os vistosos diademas de pena denominados “parikos”, cuja confecção é de exclusividade masculina, são um artefato identificador não só do povo Bororo externamente. Contudo, internamente, têm significação em relação aos clãs e sub-clãs. Na organização social Boróro, cada clã produz seu próprio “pariko”, cujo estilo ou modelo não pode ser copiado por outro clã ou sub-clã.

Ainda que haja alguma semelhança entre os “acangatares”, cocares ou diademas de penas da maioria das tribos indígenas brasileiras, há que se observar bem cada uma delas para se perceber as diferenças. Há, ainda, casos muito originais de adornos de cabeça, como os cocares de canudinhos dos Kayapó, os “tubos para cabelo” dos Waywáy, as testeiras Araweté, Parakanã ou Suyá, entre outras. Há casos originalíssimos como os cocares de palha de aricuri dos índios Fulni-ô de Pernambuco; os belos “cocares-tiara” de sementes vermelhas de “olho-de-pombo”, produzidos pelos Tupiniquins, no Espírito Santo; ou, ainda, os “cocares-tiara” feitos com fibra de tucum e sementes de tiririca pelos índios Krahô, do Tocantins.

Contudo, não há na literatura, nem nas imagens históricas de livros ou enciclopédias imagens ou citações de grupos indígenas com adornos de cabeça semelhantes ao tradicional chapéu dos “civilizados”. Nesse sentido, as únicas imagens disponíveis na internet são as relativas aos Kanoé do Omeré, após o contato em 1995, que ganharam páginas das revistas nacionais e internacionais identidade visual que os distinguiu e os distingue de quaisquer outros grupos indígenas, inclusive dos vizinhos Akuntsun, contatados na mesma época. O “chapéu Kanoé” passou a ser uma espécie de “carteira de identidade étnica visual”.

Entretanto, em que pese ser uma “marca” da etnia, o “chapéu kanoé” não é feito sempre do mesmo modo e com as mesmas cores. Antes, tudo depende das características do material disponível. O resto fica por conta da criatividade de quem o confecciona. Assim, tiras de lona

plástica preta, vermelha ou de qualquer outra cor podem ser combinadas com palha de buriti e embiras para dar origem a belos chapéus, inteiriços ou não, que primam pelo acabamento, pela simetria dos desenhos, pelo bom gosto na concepção, sem exageros ou excesso de informações visuais. Parece haver uma harmonia subjacente entre o comportamento pessoal, as peças de indumentária e o “chapéu”, que se resume na palavra comedimento. Por outro lado, os Kanoé do Omeré não são comedidos no uso de colares e pulseiras: usam sempre uma boa quantidade desses adereços, dos mais diversos modelos e materiais. Na fotos abaixo, tirada na Holanda em 2009, em viagem visita de índios do Guaporé a museus europeus, observa-se que o líder José Augusto, representante dos Kanoé, se destaca dos representantes masculinos de outras etnias vizinhas pelo uso do chapéu:



Foto 24 e 25 : José Augusto Kanoé, de chapéu, entre representantes de outras etnias (Aruá, Kabuti, makuráp e Tupari) do Vale do Guaporé, na Holanda.
(Hein van der Voort – Holanda– jun/2009)

2.1.1 - *Ajatietä*, o chapéu "aba-e-gorro"

Como já se afirmou aqui, na época do contato em 1995, o que parecia ser um “chapéu” na verdade era um conjunto composto de duas peças independentes, mas complementares. A primeira era um gorro em forma de meia esfera, feito em gomos triangulares de couro de animal ou de tecido, unidos entre si por costura feita à mão, com acentuado perfeccionismo. A segunda peça era uma aba circular solta, na medida da cabeça do usuário, trançada em talos finos de taquara envoltas por estreitas fitas de lona plástica preta, unidos por palha de buriti, de tal forma que formam um desenho regular. No arremate final, as pontas de taquara são unidas por uma amarra feita com fibras de palha da folha de buriti. Nesse ponto de arremate, encaixavam penas vermelhas longas, de rabo de arara, sobretudo vermelhas. Essa aba solta era encaixada na cabeça, após vestirem o gorro, dando a impressão de que tratava de um chapéu inteiriço. Assim, muitas vezes, quando estavam á vontade em sua aldeia, muitas vezes usavam apenas o gorro. *Tutuá* preferia usar apenas o gorro, na maioria das ocasiões, e demonstrava não gostar de ser vista sem

ele. Em 2000, em duas as visitas que fizemos à aldeia, quando chegamos, Tutuá estava sem o gorro. Tão logo nos viu, correu à maloca, vestiu o gorro e só aí se aproximou. Deu-nos a impressão de que se sentia nua sem estar usando algo na cabeça. *Tinamãty* também procedeu da mesma forma pelo menos em uma ocasião.



Foto 26 : *Waymoró Kanoé*, usando apenas o gorro, carrega um pesado “paneiro” com sua “mudança”. A aba, com penas azuis, é vista sobre um toco, abaixo, à direita da foto. (Hein van der Voort – T. I. Rio Omeré – maio/2006)



Foto 27 : *Tutuá Kanoé*, usando apenas o gorro, observa fotos dos índios Aikanã. Nos braços, nas canelas e tornozelos, usa os elementos de palha de buriti trançadas. (Hein van der Voort, idem)



Foto 28: *Tinamãty Kanoé*: de “aba-e-gorro” e largo sorriso (H. van der Voort – Omeré – maio/’996)



Foto 29: *Txinamãty Kanoé* com filho *Operá* usando apenas o gorro (L. N. Bacelar – Omeré – ago/2001)



Foto 30: Aba de “chapéu Kanoé”: produção recente na aldeia do Omeré (Gilmar Ferreira – Omeré – mar/2010)

2.1.2 - *Ajatietü*, o chapéu inteiriço

O “chapéu kanoé” também pode ser é inteiriço, feito de um trançado de palha de buriti e, na aba, conter outro tipo de material, como fitas de lona preta, formando desenhos radiais regulares. Pode ainda ser trançado de palha mais fina, e receber um detalhe de fita de outra cor e penas vermelhas de rabo de arara. Mas pode ser feito também de outros materiais, como cordas coloridas, a exemplo do chapéu azul tecido por Purá em 2008, a partir de uma corda azul e um rolo de barbante de algodão, como se observa nas fotos a seguir:



Fotos 31, 32 33 : *Txinamãty Kanoé*, de chapéu inteiriço, traçado de palha de buriti com fitas de lona plástica preta.
(Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)



Fotos 34, 35 e 36: O *chapéu kanoé* de corda azul e de palha fina, ambos com penas de rabo de arara.
(Gabriel Morand – Omeré - ago/2008; Gilmar Ferreira – Omeré – mar/2010)



Fotos 37, 38 e 39: *Purá Kanoé*, de chapéu inteiriço, tecido por ele a partir de corda e barbante de algodão.
(Gabriel Morand / Gleice Mere – T. I. Rio Omeré – ago/2008)

2.2 - A grinalda Kanoé

A grinalda típica dos Kanoé é uma peça única, com comprimento de aproximadamente 1,30 m. É confeccionada apenas com fibra longas de buriti. Na parte superior, além de uma farta granja de 20 cm mais ou menos, há uma corda, que além de unir as fibras, permite que a peça seja atada ao pescoço. Essa peça da indumentária *Kanoé* não se reduz a um elemento de embelezamento pessoal ou de cobertura da nudez dorsal. Antes, tinha e tem uma função prática de proteger as costas contra picadas de insetos e arranhões nas andanças pela mata.

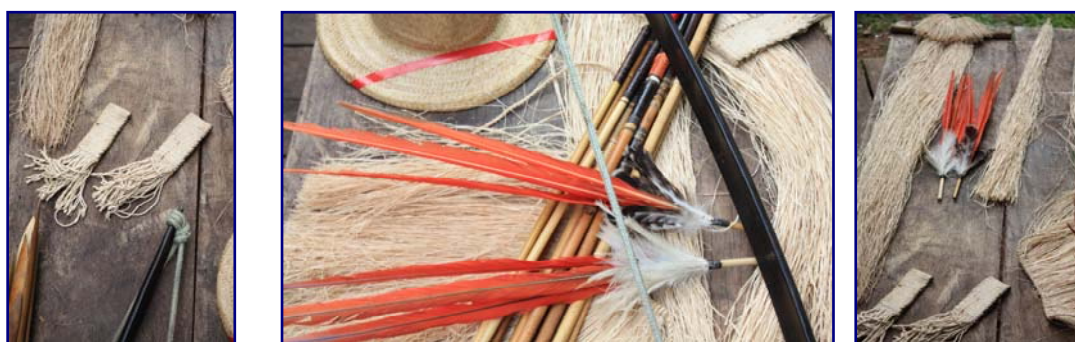


Fotos 40, 41 e 42 : *Grinalda Kanoé* de fibras de buriti: visão geral e detalhes da urdidura na parte superior
(Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)

Até recentemente, os *Kanoé do Omeré* sempre andavam diariamente com essa grinalda, mesmo sobreposta a peças de roupa. Nos últimos anos, já não a usam mais com tanta frequência, embora, em ocasiões especiais, quando fazem demonstrações de canto e dança, sempre a vestem, exceto o menino *Bukwá*.

2.3 - Adornos braçais Kanoé

O adorno braçal, usado na altura dos bíceps, é um conjunto de três peças que se completam. A base é uma faixa larga, que pode de palha de buriti trançada, ou de urdidura de cordas de fibra de buriti ou de tucum ou, ainda tecida, em linha grossa (barbante) de algodão. Nos três casos, sobram pontas com as quais esses braceletes ou braçadeiras são amarrados, geralmente bem apertados. Sob eles são afixados, atrás dos braços, dois tufos pingentes de fibras de buriti e, nas laterais, são encaixadas, sob pressão, a base de bambu dos adornos de pena de arara e gavião. Esses adornos braçais são feitos a partir de um pedaço de taquara seca, em cujo oco são introduzidas as pontas de um conjunto radial de penas de gavião, brancas ou carijós, nucleado por três longas penas vermelhas de rabo de arara, em harmonia com as penas iguais que adornam o chapéu. A fixação das penas do pequeno tubo é garantida por amarras revestidas de solda de cera de abelha, como se observa nas fotos abaixo:



Fotos 43, 44 e 45: *Adornos braçais Kanoé* de fibras de buriti: braçadeiras de algodão, buquês de penas de gavião e rabo de arara e tufo pingente de fibras de buriti
(Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)

2.4 - Tanga ou avental de fibra de buriti

Embora a produzam ocasionalmente, a tanga ou avental de fibras de buriti é uma peça que os *Kanoé* já não usam com frequência. Parece que, ao assimilarem o uso de bermudas ou calções, os Kanoé já não sentem necessidade de usá-la, salvo em raríssimas ocasiões quando, a pedidos, fazem demonstrações de canto e dança. Aliás, quem faz isso é apenas o rapaz Purá Kanoé. *Tinamãty*, após a morte da mãe *Tutuá* e de *Operá*, seu primeiro filho, tornou-se uma pessoa muito calada, pensativa e relativamente fechada. Todavia, quando há outra presença feminina, aos poucos ela se abre, fica um pouco mais alegre. Na última visita, em março de 2010, pela primeira vez conseguimos estimulá-la a canta e a dançar. Contudo, apenas Purá Kanoé se vestiu com todas as peças de sua indumentária original. Na foto abaixo, nota-se que a “tanga Kanoé” é um avental largo de fibras de buriti lisas, de comprimento aproximado até a altura do joelho, que são urdidas numa corda longa, a qual permite que a peça seja amarrada nos quadris.

A tanga também não se reduz a uma tapa sexo para encobrir os órgãos genitais, mas também tinha a função prática de proteger a região pubiana e genital de arranhões com salsas espinhentas, queimaduras de urtiga e ou taturanas, picadas de insetos e acidentes congêneres.

Purá informou que, no passado, na base junto à corda, poderiam ser colocadas conchas, dentes de animais, penas e sementes de mulungu, mas, como a peça caiu em desuso e pela dificuldade de obtenção desses materiais, há muito já não o fazem mais. Em todas as imagens após o contato em 1995, os Kanoé aparecem sem a tanga, salvo em ocasiões especiais, a pedido, como em agosto de 2008 e março de 2010.



Foto 46: *Tanga Kanoé* de fibras de buriti:
(Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)

Essas mudanças de comportamento na produção e uso da indumentária não podem e não devem ser interpretadas como um resultado de um processo aculturação após o contato. Antes, é preciso lembrar que, com a perda de *Waymoró*, em 1996, que era a mais animada e mantinha ainda alguns rituais, e posteriormente com a morte da mãe *Tutuá* e do menino *Operá*, em

fevereiro de 2003, os *Kanoé do Omeré* se viram reduzidos a três pessoas, dois adultos e uma criança, ainda bebê. Logo, não só perderam muita motivação, mas também já não dispõem de muito tempo para suas práticas artesanais. As necessidades alimentares que implicam em primeiro lugar cuidar de suas roças, plantar, caçar e/ou pescar se impõem como primordiais no dia a dia. Além disso, precisam se revezar nessas tarefas. Além do mais, como aqui já foi descrito, o processo de coleta e beneficiamento das fibras de buriti é longo, trabalhoso e, com isso, absorve muito tempo. De resto, já não faz sentido produzir, senão sob encomenda, peças de indumentária, para festas e rituais que não se fazem mais, dada a falta de mais gente para tal.

2.5 - Bandoleiras de palha de buriti

As bandoleiras de palha de buriti trançado são uma espécie de tipóia meio larga, que eram usadas aos pares, diagonalmente, formando um “xis” no peito e, no caso nas mulheres, encobria-lhes e protegia-lhes quase totalmente os seios. Além de proteger o busto, essas bandoleiras funcionam como uma espécie de amortecedor quando se transporta um paneiro (cesto dorsal) muito pesado, pois evita que as alças de embira dos cestos cortem ou provoquem escoriações na pele por atrito, sobretudo ao andar.



Foto 47: *Bandoleiras* de fibras de buriti encobrimdo os seios de Tinamãty (Marcos Mendes - AE – set/1995)



Foto 48: *Bandoleiras* de palha de buriti trançada produzidas na oficina de resgate cultural para o projeto Kanoé/ PRODOCLIN (Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)

2.6 - Caneleiras e tornozeleiras de palha de buriti

As caneleiras e tornozeleiras são espécie de faixa de palha de buriti trançada, meio larga, que eram usadas, aos pares, pouco abaixo do joelho e no tornozelo, como se observa nas fotos da época do contato. Hoje os Kanoé já não usam mais esses adereços.

III - ARTE PLUMÁRIA

Os *Kanoé*, tanto os “isolados do Omeré” quanto os do “Vale do Guaporé”, deixam transparecer que a arte plumária, sobretudo para a confecção de cocares, acangatares e outros adornos de cabeça, pescoço e braços foi perdendo a importância para os “chapéus”, que passaram ser a identidade visual da etnia, sobretudo no Omeré. No entanto, isso não significa que, os Kanoé não produziam cocares e outros adereços à base de penas. Parece que, com o processo de aculturação e a assimilação de valores da sociedade nacional majoritário, aos poucos a arte plumária deixou de ter a importância que tinha quando viviam em suas aldeias originais, faziam suas festas e mantinham seus rituais. Hoje, no Omeré, a arte plumária está restrita aos arranjos para os chapéus e braços e, no Guaporé, não é praticada e nem usada no dia a dia, ainda que eventualmente tenham uma ou outra peça, como os cocares em forma de coroa de penas, como nas imagens abaixo, obtidas por Gilmar Ferreira, na Aldeia Ricardo Franco, em abril de 2010:



Foto 49: José Augusto Canoê e a filha Natasha Canoê exibem seus acangatares (adornos de cabeça) feitos de penas de arara)



Foto 50: José Augusto Canoê



Foto 51: José A. Canoê Filho



Foto 52: José A. Canoê Filho



Foto 53: Arlinda Canoê

IV – ADEREÇOS KANOÉ

Como a absoluta maioria dos povos indígenas, que nesse aspecto não se diferem de muitos outros povos em quaisquer pontos do planeta, os *Kanoé do Omeré* e, hoje com menor intensidade, os *Kanoé do Vale do Guaporé*, gostavam e ainda gostam de se adornar diariamente com *nãpejaé* (brincos), *perytwaé* ou *tiratwaé* (colares) e *ajakotsoé* (pulseiras). Nesse sentido, não economizam e, não raro, estão usando uma grande quantidade de colares sobrepostos e diversas pulseiras, de modelos e materiais diferentes.



Fotos 54, 55 e 56: Detalhes de colares diversos, usados simultaneamente por *Purá Kanoé*
(recortes de imagens feitas por Gilmar Ferreira –Omeré – mar/2010)

Assim, há colares e pulseiras com predominância de um determinado material, como por exemplo, miçangas ou caroços de cocos miúdos; mas há também colares e pulseiras mistos, nos quais materiais diferentes são alternados. Assim, esses adereços podem ser feitos dos mais diversos materiais disponíveis no ato da criação, não havendo um padrão único. Dentes de macaco, conchas, sementes de mulungu e de outras espécies, pedaços de ossos e segmentos de rabo de tatu, caroços de cocos e peças recortadas de cascas de cocos diversos, enfim, tudo aquilo que pode ser aproveitado e trabalhado para se fazer um colar ou uma pulseira pode servir de base para a criação de um adereço de pescoço ou de pulso ou ainda de um par de brincos.

Até certo ponto, os únicos **brincos** e **colares** que poderiam ser considerados com tipicamente *Kanoé* seriam os brincos e colares de peças pingentes de material plástico colorido, em formato triangular ou semi-trapezoidal e colares longos, de peças de plástico circulares, tal como foram retratados na época dos primeiros contatos em 1995, no Omeré. Possivelmente os *Kanoé do Omeré* tenham encontrado baldes ou bacias de plástico em acampamentos de garimpeiros ou madeiros na floresta e reaproveitaram o material. Na época, os Akuntsun também usavam e até hoje ainda usam esses adereços de plástico, que teriam recebido de presente dos Kanoé.

Munuzinho e Teresa informaram que, no passado, os brincos e colares com peças nesse mesmo formato, tal como os desenhos Becker-Donner (1955), eram feitos de cascas de coco

recortadas, presas a uma linha fina de fibra de tucum, com ou sem outros elementos, tais como sementes diversas ou contas. A concepção da peça era e é intuitiva, de acordo com a criatividade individual, mas os adultos ensinavam aos mais jovens as técnicas diversas de perfuração de sementes com agulhas de ossos ou, mais tarde, com instrumentos de metal. Do mesmo modo, também ensinavam a moldar as delicadas peças de cascas de coco ou ossos de animais, perfurá-las e poli-las, esfregando-as numa pedra ou usando uma pedra como lima. As ilustrações abaixo são recortes de outras fotos, razão pela qual não serão aqui numeradas.

4.1 - *Nãpejaé*, os brincos

4.1.1 - *nãpejaé*, os brincos de material plástico



4.1.2 - *nãpejaé koterevã*, os brincos diversos



4.2 - *Perytwaé* ou *tiratwaé*, os colares

4.2.1 - *perytwaé* [perítwa'ε] “colar de plástico”



4.2.2 - *Perytwaé* ou *tiratwaé*, os colares

Os colares, de um único material ou mistos, são nomeados de acordo com elemento visualmente predominante ou em destaque na peça. Assim sendo, há os *perytwaé* [pɛrɪtwa'ɛ] “colares de plástico”; *tiratwaé pikutsa* [tɪratwa'ɛ piku'tʃa] “colar de conchas”; *perytwaé petie* [pɛrɪtwa'ɛ pɛti'ɛ] “colar de miçanga de acrílico”; *tiratwaé iry ipe* [tɪratwa'ɛ i'rɪ ð'pɛ] “colar de dentes de macaco”; *tiratwaé tekwaety* [tɪratwa'ɛ tɛkwaɛ'tɪ] “colar de contas”., entre outros.



Fotos 57 e 58: Detalhes de colares diversos usados simultaneamente por *Tinamãty* e *Purá Kanoé* (recortes de imagens feitas por Gilmar Ferreira – Omeré – mar/2010)



Foto 59: *Tinamãty Kanoé* gosta de usar seu colar de conchas e pulseiras de miçangas (Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)

4.3 - *Ajakotsoé*, as pulseiras e braceletes

Assim como os colares, as pulseiras ou braceletes são feitas dos mais diversos materiais, algumas muito longas, que são usadas enroladas em várias voltas ajustadas ao braço, sobretudo as de peças miúdas como miçangas, sementes e congêneres. Noutros casos, podem ser uma argola única (bracelete), usados simultaneamente com outras peças. Do mesmo modo que os colares, a nomeação também é dada pelo material predominante e mais visível, havendo as *pätüj ajakotsoé* “pulseiras de buriti”; *ajakotsoé kũkoé tsonũ* “pulseiras de rabo de tatu”; *onũkó ajakotsoé* “pulseiras de caroço de murumuru”; *pätsäkó ajakotsoé* “pulseiras de caroço de tucumã”; *ajakotsoé petié* “pulseira de miçangas de acrílico”, entre outras.

4.3.1 - *ajakotsoé petié*, as pulseiras de miçangas de acrílico



4.3.2 - Outros adereços



Fotos 60 e 61: Botoque nasal e tornozeleiras usadas por *Purá Kanoé*
(Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)



Foto 62: Colares antigos pendurados na *Aldeia Kanoé*
(Gilmar Ferreira – T. I. Rio Omeré – mar/2010)

V - TABELAS DE ITENS LEXICAIS RELATIVOS A INDUMENTÁRIA E ADEREÇOS

5.1 – ITENS LEXICAIS RELATIVOS A INDUMENTÁRIA, ADEREÇOS E AFINS		
NOME	NOME EM KANOÉ	
	ORTOGRÁFICO	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
algodão	oti	[o'o'ti] / [o:'ti]
bandoleira de buriti trançado	pätäj	[pæ'tæj ^h]
botoque labial	kwew / akwew	[kwew] / [a'kwew]
botoque intranasal	tuekañue	[tuekãñũ'ε]
brinco	nāpejae	[nãpeja'ε]
brinco de cochinhas	nāpejae pikutsa	[nãpeja'ε piku'tsa]
brinco de dente de macaco	nāpejae iry ype	[nãpeja'ε iri i'pe]
brinco com pingente de plástico	nāpejae	[nãpeja'ε]
buriti	pätäj	[pæ'tæj ^h]
chapeu “aba-e-gorro”	ajatietä	[ajatietæ]
chapéu inteiriço	ajatietä	[ajatietæ]
caneleira de buriti trançado	pätäj	[pæ'tæj ^h]
cinto de fibra de butiti	pätäj	[pæ'tæj ^h]
cocar	ajatietä	[ajatie'tæ]
colar de caroço de murumuru	pykuty mūkoko	[piki'ti muÿko'ko]
colar de conchas	tiratwae pikutsa	[tiratwa'ε piku'tʃa]
colar de contas	tiratwae tekwaety	[tiratwa'ε tekwaeti]
colar de dentes de macaco	tiratwae iry ipe	[tiratwa'ε i'ri i'pe]
colar de miçangas de acrílico	tiratwae petie	[tiratwa'ε peti'ε]
colar de peças de plástico	perytwae	[peritwa'ε]
fibra de buriti	pätäjty	[pætæj'ti]
fibra de tucum	jaty	[ja'ti]
fio de algodão	otity	[o:ti'ti]
grinalda de fibras de buriti	pätäjty	[pætæj'ti]
miçanga de acrílico	peti	[pe'ti]
pena de arara	ava jy	[a'wa ji ^h]
pena de gavião	māmājtoko jy	[māmājto'ko ji ^h]
pulseira	ajakotsoe	[pætsæ'ko ajakotso'ε]
pulseira de caroço de murumuru	onūko ajakotsoe	[onũ'ko ajakotso'ε]
pulseira de caroço de tucumã	pätsäko ajakotsoe	[pætsæ'ko ajakotso'ε]
pulseira de miçangas de acrílico	ajakotsoe petie	[ajakotso'ε peti'ε]
pulseira de rabo de tatu	ajakotsoe kūkoe tsonū	[ajakotso'ε kūkoe tʃonũ]
roupa	ita / itae / itä	[i'ta] / [ita'ε] / [i'tæ]
tanga de fibras de buriti	pätäj	[pætæj]
tornozeleira de buriti trançado	pätäj	[pætæj]

5.2 – EXPRESSÕES VERBAIS RELATIVAS A INDUMENTÁRIA, ADEREÇOS E AFINS		
NOME	NOME EM KANOÉ	
	ORTOGRÁFICO	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
abotoar	vyrytonere	[wɪrɪtɔnɛ'ɾɛ]
amarrar	tyrytonere	[tɪrɪtɔnɛ'ɾɛ]
cortar	jājānatynere	[jājānatɪɛ'ɾɛ]
dançar	pājanere	[pəjanɛ'ɾɛ]
desabotoar	taratonunere	[taratɔnũnɛ'ɾɛ]
despir	tsovenere	[tsɔwɛnɛ'ɾɛ]
desfiar	tytytonere	[tɪtɪtɔnɛ'ɾɛ]
dobrar	namorekjūnere	[namɔrɛkɯjnɛ'ɾɛ]
enfeitar-se	torotwījeronere	[tɔrɔtɛtwījɛrɔnɛ'ɾɛ]
ensaboar	purenētonere	[purenētɪnɛ'ɾɛ]
escovar	kotsovekaere	[kɔtsɔwɛkɛɛ'ɾɛ]
esfregar	iejtānere	[iejtɛnɛ'ɾɛ]
lavar	kotsonere	[kɔtsɔnɛ'ɾɛ]
pentear	jakutanere	[jakutɛnɛ'ɾɛ]
tecer	ovenere	[ɔwɛnɛ'ɾɛ]
tecer linha	tyjūtonere	[tɪjūtɔnɛ'ɾɛ]
tirar		
vestir	vyryvenere	[wɪrɪvɛnɛ'ɾɛ]
vestir-se	vyryvenere	[wɪrɪvɛnɛ'ɾɛ]

5.3 – EXPRESSÕES ADVERBIAIS RELATIVAS A INDUMENTÁRIA, ADEREÇOS E AFINS		
NOME	NOME EM KANOÉ	
	ORTOGRÁFICO	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
na cabeça	ikutānī	[ikut'nī]
na canela	ikawnī	[ikaw'nī]
na cintura	itieni	[itɪɛ'nī]
nas costas	jakonī	[jako'nī]
na orelha	iteñunī	[itɛñũ'nī]
na ponta da orelha	iteñutsīkwanī	[itɛñũtsɪkwa'nī]
no braço	ikutānī	[ikwamũ'nī]
no bíceps	karoenī	[karɔɛ'nī]
no joelho	irokonī	[irɔko'nī]
no nariz	ikañunī	[ikɛñũ'nī]
no pescoço	itawnī	[itwa'nī]
no punho	ikotsonī	[ikɔtsɔ'nī]

BIBLIOGRAFIA

- BACELAR, Laércio N. *Vocabulário preliminar Português-Kanoê – transcrições fonológicas preliminares*. Goiânia: UFG, 1996, manuscrito, ilustrado com fotos, 49 p. Exemplificação de dados do Kanoê: Fonte TT: SILManuscriptIPA93.
- _____. *Gramática da Língua Kanoê*. Tese de Doutorado sob a orientação do Prof. Dr. Pieter Muysken e co-orientação do Dr. Hein van der Voort. Nijmegen - NL: Katholieke Universiteit Nijmegen, 2004, 366 p., ilustrada com tabelas, mapas, gráficos e fotos. Exemplificação de dados do Kanoê: Fonte TT: SILManuscriptIPA93. Disponível na íntegra em: <http://www.bandavisual.org/docs/kanoe/Laercio%20Nora.pdf> . Acesso em 06/07/2009.
- _____. *Dicionário etnolingüístico Português-Kanoê*. Goiânia: autor, 2009; impressão digital. Exemplificação de dados do Kanoê: Fonte TT: SILManuscriptIPA93; (em preparação).
- _____. *Dicionário etnolingüístico Kanoé-Português*. Goiânia: autor, 2009; impressão digital. Exemplificação de dados do Kanoê: Fonte TT: SILManuscriptIPA93; (em preparação).
- _____. *Dicionário eletrônico Português-Kanoé*. – TOOBBOX Goiânia: autor, 2010; Exemplificação de dados do Kanoê: Fonte TT: SILManuscriptIPA93; (em preparação).
- _____. *Dicionário eletrônico Kanoé-Português*. - TOOLBOX Goiânia: autor, 2010; Exemplificação de dados do Kanoê: Fonte TT: SILManuscriptIPA93; (em preparação).
- BECKER-DONNER, Eтта. “Notizen über einige Stämme an der rechten Zuflüssen des Rio Guaporé.” In: *Archiv für Völkerkunde*, vol. 10, Viena: Wilhem Braumüller Universitäts-Verlag G.M.B.H., 1955, p. 275-343, ilustrado com fotos, desenhos e mapa.
- MALDI , Denise. “O complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia*. Vol. 7, n. 2. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991, p. 209-269.